

Foi ao cinema de carro e voltou a pé

Falta de segurança pode afastar público das salas

Os tiros saem por todos os lados: se o público brasileiro reclama da excessiva pacatez da vida cultural da cidade, se constata que falta apoio oficial para os empreendimentos nas artes, se sabe que falta, a muitos artistas da capital da República, uma formação profissional com incontestável solidez e qualidade, este mesmo público ainda corre o risco de, ao ir ao teatro ou ao cinema, ter que voltar para casa a pé — durante os 120 minutos que passou sentado em uma sala de espetáculos, seu carro foi roubado.

A situação está se tornando tão grave e tão incômoda que uma pequena, mas signifi-

ficativa parcela do já incipiente público da cidade, tem desistido de acompanhar as programações, enquanto que o resto dos brasilienses, parcela composta pelos que nunca saíram de casa e preferem entoar o esfarrapado coro de que “Brasília não tem nada para oferecer”, tem mais um motivo, de peso e importância, para continuar dentro de casa.

Os que preferem, por exemplo, assistir aos filmes em cartaz na sala da Cultura Inglesa, na 908/909 Sul, que sempre apresentou programação paralela ao circuito comercial, não sabem em que estado vão encontrar seus carros à saída: sem pneus, sem aparelhagem de som, sem bateria ou sem acessórios. Às vezes, encontram também o espaço inteiramente vazio, sem carro. O programador da sala, José Damata, fez o que pôde: “Contratei um segurança para ficar lá fora” — além disto, ele garante que a medida já serviu para diminuir o número de furtos. E há mais um conforto: “Nos finais de semana, a partir das 15h de sábado, o estacionamento privativo da escola já está aberto”.

Ignição — Ter contratado segurança para fazer a ronda durante a apresentação

do filme parece ser uma saída, enquanto o policiamento de fato na capital da República continua a ter ares de ineficiência. Há para toda a Asa Sul e Lago Sul 15 carros para patrulhamento. É provável que o 1º Batalhão da Polícia Militar, responsável por estas áreas da cidade, saiba que o número de carros é assustadoramente pouco, porque seu subcomandante, o major Luiz Carlos Guedes, aproveita todas as oportunidades que tem para pedir à população que “feche os carros, instale alarme, estacione em local visível e não esqueça de tirar a chave da ignição”. Todos estes cuidados parecem servir para ajudar a polícia, que tem poucos recursos para dar segurança ao brasileiro que, à noite, sai para algumas possíveis horas de lazer.

Mas os roubos de carro proliferam. No Cine Brasília, com sua programação também a cargo do mesmo José Damata, o quadro de insegurança é exatamente o mesmo. Há vigias da Fundação Cultural do Distrito Federal, mas não são medida suficiente. O major Guedes detecta problemas: “Os estacionamentos propiciam o delito, porque são amplos e dificultam a segurança”. Além disto, ele reconhece outras dificuldades peculiares: “Os vagabundos nem sempre têm es-

crito na testa que são vagabundos, às vezes se vestem bem”. Este disfarce que confunde ladrão com proprietário de carro parece atrapalhar a vida dos policiais.

De todos os lados — E aí chegamos ao Teatro Nacional Cláudio Santoro que, com suas três salas, é o único ponto a que vai grande parte da população brasileira — a faixa do público que acredita que ir ao teatro é ver, de perto, os astros de televisão, por exemplo, vai exclusivamente a estas três salas. É para lá que vão também as autoridades, quando, por um motivo ou outro, precisam mostrar-se ao público em franco apoio às artes. Nem por isto o Teatro Nacional merece maior atenção. Como a Fundação Cultural do Distrito Federal, responsável pelas três salas, não pode contratar firma de segurança, tem que depender de três vigias noturnos (um para a entrada da Sala Villa-Lobos, outro para a Sala Martins Penna e finalmente mais um para a rampa lateral que dá acesso aos elevadores do terraço).

Não só esta vigilância é feita a bem da verdade. A 7ª Companhia de Polícia Militar Independente, que é responsável pela segurança na região vizinha à Rodoviária, Espla-

nada dos Ministérios e chega até o Museu de Arte de Brasília, tem exatamente uma viatura policial para fazer toda a ronda mas desloca três policiais para garantir segurança ao Teatro Nacional. O tenente Lima e Silva, da 7ª CPMind, afirma que “o número de furtos e roubos de veículos caiu 70 por cento em relação ao mês de janeiro do ano passado”, mas, mesmo assim, Juracy dos Santos, chefe do Núcleo de Apoio Administrativo do Teatro Nacional, sabe que “necessitamos de mais segurança, porque nossos estacionamentos são muito grandes e afastados”.

Parece, enfim, que há uma tentativa de ampliar esta vigilância. O Teatro Nacional pede policiais de trânsito e dois outros policiais ostensivos para noites especiais — definidas, segundo Juracy dos Santos, como “os espetáculos de grande vulto, com a casa cheia”. O que equivale a dizer que, se o brasileiro quiser ir assistir a espetáculos que, de acordo com os critérios da casa, não são de grande vulto, tem mais chances de ser roubado. Como se vê, tiros que vêm mesmo de todos os lados.

■ **Alexandre Ribondi**